

A CASA DOS ESPÍRITOS: REPRESENTAÇÕES DA TORTURA DE MULHERES NA LITERATURA E NO CINEMA

THE HOUSE OF THE SPIRITS: REPRESENTATIONS OF WOMEN'S TORTURE IN LITERATURE AND CINEMA

Edna Mércia Bezerra PLÁCIDO¹

Isis MILREU²

RESUMO: O objetivo desse estudo é examinar como a tortura de mulheres é representada no romance *A casa dos Espíritos*, de Isabel Allende, e em sua versão cinematográfica homônima, dirigida por Bille August. Inicialmente contextualizamos a última ditadura chilena. Em seguida, discutimos as intersecções entre literatura, cinema e ditadura. Em continuação, examinamos a representação da tortura das personagens Alba e Blanca, respectivamente, nas citadas narrativas. Por fim, tecemos algumas comparações sobre as semelhanças e as diferenças entre essas representações. Consideramos que as obras artísticas que abordam a temática da ditadura colaboram com a consolidação da democracia na América Latina, preservando nosso passado.

PALAVRAS-CHAVE: *A casa dos espíritos*. Literatura. Cinema. Ditadura. Adaptação.

ABSTRACT: This study aims to explore how the torture of women was represented in the novel *The House of Spirits*, by Isabel Allende, and in the movie based on, directed by Bille August. First, we contextualize the last Chilean dictatorship and then, we discuss the intersections between literature, cinema and dictatorship. Later, we examine the representation of torture by the characters Alba and Blanca in the narratives mentioned. Finally, we make some comparisons about the similarities and differences between these representations. We concluded that the artistic works that uses a dictatorship as a theme, may collaborate for the consolidation of democracy in Latin America, preserving our past.

KEYWORDS: *The House of Spirits*. Literature. Cinema. Dictatorship. Adaptation.

Introdução

Atualmente, a literatura de autoria feminina latino-americana está passando por um merecido processo de reconhecimento. Em “Literatura e escrita feminina na América Latina”, Sara Guardia (2013) assinala que o “boom” da produção literária escrita por nossas mulheres

1. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE), UFCG, Campina Grande-PB, Brasil. E-mail: edna_placido@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8606-0550>.

2. Doutora em Letras – UNESP-Assis; Professora de Literatura Hispano-americana da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) UFCG, Campina Grande-PB, Brasil. E-mail: imilreu@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9142-1406>.

ocorreu na década de 1980 com a publicação de quatro romances: *La casa de los espíritus* (1982), da chilena Isabel Allende (Chile 1942-); *Arráncame la vida* (1986), da mexicana Ángeles Mastretta (México 1949-); *Como agua para chocolate* (1989), da mexicana Laura Esquivel (México 1950-); e *Nosotras que nos queremos tanto* (1991), da chilena Marcela Serrano (Chile 1951-). Notamos que o principal ponto de contato entre essas obras é a problematização de questões éticas, especialmente, no que se refere ao papel da mulher na sociedade latino-americana em distintos momentos de nossa história.

Interessa-nos assinalar que dentre as diversas temáticas existentes nas obras de autoria feminina de nosso continente, destacam-se os escritos sobre as ditaduras instauradas no século XX, principalmente no Cone Sul. Segundo Isis Milreu (2023, p. 109) em “Lembrar para resistir: perspectivas femininas da última ditadura chilena em *Para que no me olvides*, de Marcela Serrano”, um dos possíveis motivos dessa escritura se deve ao fato de que as “[...] atrocidades cometidas pelas ditaduras vigentes em nosso continente no século passado marcaram a vida dessas escritoras e, conseqüentemente a sua geração [...]”

Cabe frisar que um dos primeiros romances escritos por uma mulher latino-americana sobre a temática ditatorial foi *A casa dos espíritos*, o qual conquistou uma significativa visibilidade. Uma das razões de seu êxito deve-se à sua adaptação cinematográfica homônima, dirigida por Bille August, a qual veio à público em 1993. Neste estudo, objetivamos examinar como a tortura das mulheres está representada em ambas as narrativas. Nossa escolha se justifica devido a constatação da escassez de pesquisas sobre essa temática, bem como pela necessidade de promover reflexões sobre os crimes contra os direitos humanos que foram cometidos durante diversos governos autoritários na América Latina. Dessa forma, a literatura e as outras artes podem ser vistas como guardiãs de nossa história, contribuindo com o exercício de nosso dever de memória, definido por Paul Ricoeur (2007, p. 101) como “[...] o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não a si.”

Para contextualizar esta investigação, é necessário apresentar brevemente a escritora Isabel Allende, o seu romance e sua adaptação cinematográfica. Allende nasceu no Peru em 1942, mas mudou-se para o Chile, juntamente com sua família, quando ainda era criança. Estudou jornalismo e trabalhou na revista feminista *Paula*, entre outros meios de comunicação chilenos e venezuelanos. Em 1973, devido ao golpe sofrido pelo governo de Salvador Allende, seu tio, exilou-se com a família na Venezuela. Foi neste contexto de exílio que iniciou a escrita do seu primeiro romance, *A casa dos Espíritos*, responsável por sua visibilidade internacional.

Allende publicou mais de vinte romances, diversos contos, obras infantis e peças de teatro, sendo considerada a escritora de língua espanhola mais lida atualmente no mundo. Na página oficial da autora na internet, somos informados que seus livros foram traduzidos para 42 idiomas e que vendeu mais de 77 exemplares. Neste site, a escritora define-se como feminista e filantropa, pois dedica uma considerável parte de seu tempo à defesa dos direitos humanos através da fundação Isabel Allende, criada em 1992, a qual objetiva proteger e empoderar crianças e mulheres.

A autora recebeu, até o momento, 60 prêmios. Em seu país destacam-se o Prêmio Gabriela Mistral (1990) e o Prêmio Nacional de Literatura do Chile (2010). Também foi condecorada com a Medalha Presidencial da Liberdade em 2014 nos Estados Unidos, onde reside atualmente. Além disso, nos últimos anos obteve a Medalha de honra National Book Award (2018), Prêmio Nacional de Literatura Estadunidense, e o Prêmio Internacional de Novela Histórica Barcino (2019). Durante sua carreira foi homenageada com 15 doutorados *honoris causa* em vários países e sua biografia foi ficcionalizada na minissérie *Isabel: A história íntima da escritora Isabel Allende* (2021).

O seu primeiro romance, *A Casa dos espíritos*, veio a público na Espanha e no Chile em 1982, sendo lançado no Brasil em 1984, além de ser traduzido para diversos idiomas, tais como o inglês, o italiano e o alemão, entre outros. Em 1993 foi adaptado para o cinema e o lançamento de sua adaptação em formato de série está previsto para os próximos meses.

O enredo da narrativa de Allende gira em torno das trajetórias de quatro gerações das famílias Trueba e Del Valle, acompanhando o desenvolvimento das personagens femininas Rosa, Clara, Blanca e Alba, bem como do patriarca Esteban Trueba. É possível lermos a narrativa como uma alusão ao contexto da ascensão do autoritarismo e da ditadura militar no Chile, iniciada em 11 de setembro de 1973, com o golpe militar contra o governo de Salvador Allende. Contudo, visto que a autora não explicita datas e espaços em sua ficção, podemos lê-la como uma alegoria a diversos regimes autoritários que foram implantados na América Latina no século XX.

Já a obra fílmica homônima, adaptada por August, em 1993, tem duração de 2h e 23 minutos, e, tal como no romance, o seu enredo apresenta como pano de fundo o contexto social e político autoritário de um país latino-americano. O filme também registra a trajetória de algumas integrantes da família Trueba. Em geral, o enredo da adaptação de August segue a mesma estrutura do romance. Cabe frisar que Isabel Allende atuou como roteirista da referida narrativa fílmica.

Tendo em vista as considerações anteriores, definimos como objetivo geral de nosso estudo investigar como a tortura das mulheres foi representada em ambas as narrativas. Assim, pretendemos exercer o nosso dever de memória e contribuir com a preservação do nosso passado e com as percepções das novas gerações sobre este período abominável de nossa história. Ademais, visamos colaborar com a visibilidade da literatura de autoria feminina latino-americana e promover reflexões sobre o papel da mulher em nossa sociedade.

O presente trabalho está dividido em quatro partes, além desta introdução e da conclusão. Na primeira, contextualizamos a última ditadura chilena. Em seguida discutimos as intersecções entre literatura, cinema e ditadura. Nos tópicos seguintes examinamos como a tortura de personagens femininos foi representada no romance *A casa dos espíritos* e em sua adaptação cinematográfica homônima. Por fim, nas considerações finais comparamos as referidas representações e tecemos alguns comentários.

1. Notas sobre a última ditadura chilena

Observamos que a história de nosso continente é marcada por intensos conflitos devido a visões de mundo divergentes e a constante disputa pelo poder. Afinal, basta recordar os processos de conquista, colonização e independência de nossos países que se caracterizaram por acirradas batalhas entre grupos que lutavam pelo controle de governos em distintas épocas, defendendo distintas bandeiras. Nos séculos XX e XXI, o principal confronto de ideias está sendo protagonizado, grosso modo, pelas forças políticas que estão divididas entre esquerda e direita, as quais possuem diversos matizes.

Constatamos que a direita, geralmente, apoiada por militares, incitou vários golpes de estado na América Latina principalmente na primeira metade do século XX, desestabilizando a consolidação da democracia. Um dos países afetados pelos referidos golpes foi o Chile, como discutiremos a seguir.

Em 1970, Salvador Allende foi eleito presidente pela Unidade Popular (UP), representando partidos de esquerda, tais como o Socialista, o Comunista, o Radical e o Movimento da Ação Popular Unitário (MAPU). Seu programa de governo visava promover a economia nacional e não se subordinar ao capital estrangeiro, promovendo a inclusão econômica de vários grupos sociais marginalizados, entre outras mudanças significativas. Além disso, uma alteração substancial proposta por Allende estava relacionada ao sistema de propriedade, como podemos constatar a seguir:

Com as mudanças no sistema de propriedade dos meios de produção fundamentais, transferidos ao Estado por meio das APS (Área de Propriedade Social), e maior participação dos trabalhadores nos lucros e na gestão das empresas, seria possível aprofundar os canais políticos de participação popular (PRADO; PELLEGRINO, 2021, p. 160).

Contudo, o governo enfrentou diversas barreiras para implementar suas propostas inovadoras. Dentre elas, a direita chilena, endossada por uma ala do Exército, representada pelo Partido Nacional, boicotava as ações do presidente, principalmente no Legislativo. Aliás, desde a vitória de Allende houve tentativas de inviabilizar sua posse e deslegitimar o processo democrático. Nos primeiros anos, o governo socialista conseguiu o apoio da Democracia Cristã, que tinha maioria no Parlamento, fator que possibilitou superar as pressões da oposição até 1973, momento em que os democratas cristãos se aliaram ao Partido Nacional, contribuindo com a fragilização política dos governistas.

Nesse contexto, cresceu o acirramento entre os grupos, pois as classes populares estavam altamente mobilizadas e surgiram grupos mais radicais dentro da Unidade Popular. Assim, a governabilidade foi comprometida,

No campo, formaram-se ‘comandos comunais’ e focos de guerrilha. Ao reprimi-los, Allende descontentou muitos aliados. Também nas franjas urbanas, o movimento operário passou a atuar diretamente na expropriação de empresas, formando os chamados cordões industriais (PRADO; PELLEGRINO, 2021, p. 161).

Desse modo, evidenciou-se a cisão entre o projeto do grupo do presidente e as reivindicações dos movimentos sociais, configurando o fracasso do governo chileno na implementação do socialismo por vias pacíficas e democráticas. Verificamos que a teoria política do socialismo não abarcava o plano de Allende e, conseqüentemente, sem bases teóricas ou apoios fortes, seu governo entrou em declínio.

Concomitante com a mencionada crise governamental, a direita iniciou uma violenta campanha para manipular a opinião pública que resultou em boicotes de empresários e comerciantes, os quais geraram desabastecimentos, greves e o retorno da inflação. Para tentar aplacar a alta nos preços, bem como a escassez de produtos e alimentos nas prateleiras, o governo criou as Juntas de Abastecimento e Preço (JAPS), que contavam com o apoio da população para vigiar a conduta dos comerciantes. Assim, destacamos:

Em parte, as Japs conseguiram atenuar o problema. Mas reforçaram a ameaçadora imagem de um poder popular, o qual feria, segundo Aggio: ‘o padrão de institucionalização dos conflitos que havia sido a tônica do desenvolvimento chileno’ (PRADO; PELLEGRINO, 2021, p. 161).

A participação popular era vista como um problema para os setores conservadores, que temiam a implementação de um sistema político parecido com o da revolução cubana. Vale a pena registrar que Allende tentou inserir as Forças Armadas em seu governo, convidando seus representantes para assumir o Ministério da Defesa e buscando o apoio necessário para dar continuidade às suas reformas. No entanto, a polarização estava instalada no país e os conflitos cresceram nessa época.

Apesar das sabotagens da direita, nas eleições de 1973, a Unidade Popular obteve 44% dos votos, fato que enfureceu a oposição, levando-a a seguir o caminho da ilegitimidade e da violência. Assim, “A partir de março, assistiu-se a uma onda de atentados, sabotagens e assaltos, em parte perpetrados pela organização de extrema-direita Pátria e Liberdade” (PRADO; PELLEGRINO, 2021, p. 163).

É importante recordar que neste momento estava em vigência a chamada Guerra Fria, representada pelos antagônicos projetos de poder da União Soviética e dos Estados Unidos. Dessa maneira, houve uma intensa colaboração entre as agências de inteligência norte-americana e a direita chilena que culminou com o golpe de 1973. A premissa ideológica desses grupos era a falácia de que só um governo forte salvaria o país do caos em que estava imerso, exterminando de vez o “inimigo interno” e a terrível ameaça do “comunismo”. Para alcançar o seu objetivo, atuaram de forma extremamente autoritária.

Nesse contexto, em 11 de setembro de 1973, os militares, representados pelo general Augusto Pinochet, então comandante do Exército, bombardearam o Palácio de La Moneda. Cabe frisar que Allende resistiu ao ataque e morreu durante a referida invasão. As conseqüências do golpe abalaram a democracia chilena, pois

Nos primeiros dias após o bombardeio do palácio La Moneda, milhares de pessoas foram levadas ao Estádio Nacional, em Santiago do Chile, submetidas a interrogatórios, surras e toda sorte de arbitrariedade. Cerca de mil detidos foram sumariamente executados. [...] ao toque de recolher, casas eram invadidas e os suspeitos de contrariar a nova ordem, levados na calada da noite, muitas vezes para nunca mais voltar (PRADO; PELLEGRINO, 2021, p. 179).

Posteriormente, os direitos civis foram suspensos e o novo regime combateu ferozmente seus opositores. Além disso, Pinochet foi um dos principais articuladores da chamada Operação Condor, a qual estabeleceu a cooperação entre os governos ditatoriais da América do Sul entre os anos de 1973 a 1980, intensificando a perseguição aos militantes de esquerda. A última ditadura chilena terminou apenas em 1990, totalizando mais de 3 mil mortos ou desaparecidos. Também foi marcada pela tortura de milhares de prisioneiros e pelo exílio de 200 mil chilenos. Este governo antidemocrático causou traumas e feridas que ainda estão abertas.

É importante registrar que, segundo Hillary Hiner (2015), a ditadura chilena também visou implementar os valores héteros e patriarcais de Deus, da família e da pátria, “[...] já que procurava “refundar” a nação através da “boa educação” dos filhos no seio da família “tradicional” e cristã”³ (2015, p. 871, tradução nossa). Nesse cenário, a estudiosa explica que a tortura imposta às mulheres a partir da construção do discurso conservador, as reprimia e violentava em diversos lugares na sociedade, uma vez que “[...] a repressão era exercida por agentes estatais em diferentes contextos em casa durante uma invasão, na rua durante um protesto, na delegacia após uma prisão, ou em centros de detenção clandestinos.”⁴ (HINER, 2015, p. 878, tradução nossa). E de forma mais específica, o foco das torturas eram as violências e importunações sexuais. Além da humilhação, a violência sexual funcionava como uma punição específica para as mulheres, já que de acordo com o discurso conservador elas estavam transgredindo os papéis pré-definidos para o seu gênero.

Atualmente, a temática ditatorial continua a ser abordada em obras literárias e fílmicas, bem como em outras artes, mas ainda são poucas que se voltam para a problematização da tortura feminina. Uma das narrativas pioneiras sobre o assunto é o romance *A casa dos espíritos*, bem como sua adaptação homônima, conforme analisaremos posteriormente neste estudo. Em seguida, investigaremos brevemente a relação entre as narrativas literárias e fílmicas, a qual apoiará nossa análise das citadas narrativas.

3. “[...] *ya que se buscaba “re-fundar” la nación a través de la “buena crianza” de los niños dentro de la familia “tradicional” y cristiana*” (HINER, 2015, p. 871).

4. “[...] *la represión ejercida por los agentes del estado en distintos contextos en la casa durante un allanamiento, en la calle durante una protesta, en la comisaría después de un arresto, o en los centros clandestinos de detención*” (HINER, 2015, p. 878).

2. Conexões entre literatura, cinema e ditadura

Compreendemos que a relação entre a literatura e as outras artes não é uma novidade. No entanto, constatamos que nas últimas décadas o diálogo entre as narrativas literárias e as filmicas estão se expandindo. Essa aproximação ocorreu, de acordo com João Manuel Cunha (2013), devido a dois motivos:

O estabelecimento da natureza dos meios expressivos do cinema como sendo do domínio da “linguagem” e a conseqüente constatação de que o filme conforma-se como “texto” construção teórica consolidada desde os estudos de Christian Metz, no final dos anos sessenta franqueou avanço efetivo para a aproximação de textos literários e filmicos em perspectiva pós-estruturalista (CUNHA, 2013, p. 83).

O estudioso acrescenta que o reconhecimento do cinema como linguagem possibilitou o diálogo com outras linguagens, bem como sua comparação teórica e crítica. Também enfatiza a concepção do cinema como campo de estudo na década de 1960, uma vez que até este momento era visto como uma arte menor, a qual servia apenas como entretenimento.

Para Linda Hutcheon (2013), a transposição do texto literário para outras artes precede o cinema. Atualmente, é notório que as adaptações cinematográficas têm crescido substancialmente nos últimos anos. Segundo a crítica, a adaptação é uma obra híbrida e trata-se de um produto e de um processo. Nesse sentido, propõe pensar a adaptação narrativa a partir da permanência de uma história, seu processo de mutação ou adequação a um meio cultural.

Hutcheon (2013) postula que as histórias não são imutáveis, mas evoluem por meio da adaptação ao longo dos anos. Nessa perspectiva, a adaptação cultural conduz a uma migração para condições mais favoráveis, uma vez que as narrativas viajam para diferentes culturas e mídias. Assim, as histórias tanto se adaptam como são adaptadas. Logo, o ato de adaptar uma obra literária para outras mídias pode ser interpretado como uma necessidade cultural para a sua sobrevivência. Em sua opinião, as mais aptas fazem mais do que sobreviver: florescem.

Nessa perspectiva, João Batista Brito (2006) assinala que, “Na era da interdisciplinaridade, nada mais saudável do que tentar ver a verbalidade da literatura pelo viés do cinema, e a iconicidade do cinema pelo viés da literatura” (BRITO, 2006, p. 131). O estudioso aponta que a linguagem cinematográfica influenciou uma parcela significativa dos escritores do século XX. Também sustenta que as relações entre a literatura e o cinema são produtivas para ambas as artes, já que as contribuições foram mútuas e as duas podem ser vistas como construções ficcionais, narrativas e representacionais, apesar de suas especificidades.

Atualmente, identificamos o crescimento de adaptações cinematográfica de obras literárias que abordam a temática da ditadura em nosso continente. Uma possível explicação para este fenômeno pode ser o fato de que “Em 21 anos de ditadura foram tantos os mortos, os torturados e os humilhados que faltaria espaço onde refugiar toda a sua dor. A memória, terreno tão propício, é demasiadamente instável para semelhantes horrores. Talvez por isso os homens

inventaram a arte” (DALCASTAGNÉ, 1996, p. 15). Nessa ótica, a literatura e as outras artes podem assumir o papel de guardiãs de nossa história, constituindo novas formas de registro e possibilitando que as futuras gerações entrem em contato com as atrocidades cometidas contra a humanidade de distintas maneiras.

Acreditamos que a literatura com temática da ditadura pode abarcar diversos propósitos, tais como: arquivo, memória, crítica, denúncia e dentre outros. Também pode ser lida como um caminho de conscientização para que abusos de poder e crimes contra os direitos humanos não sejam esquecidos. Assim, é possível compreendê-la como um registro de acontecimentos e como um arquivo para ser acessado pelas próximas gerações. Em outras palavras,

A literatura sobre a ditadura cumpre o papel de suplemento aos arquivos que, ainda que quando abertos à população para consulta, são áridos e de difícil leitura. Ao criar personagens, ao simular situações, o escritor é capaz de levar o leitor a imaginar aquilo que foi efetivamente vivido por homens e mulheres. (FIGUEIREDO, 2017, p. 29).

De acordo com a autora, a literatura possui características específicas que proporcionam aos leitores uma experiência do que teriam sido os acontecimentos reais, contribuindo para que vozes não sejam silenciadas e violências não sejam esquecidas ou repetidas. Assim, ao exercer a função de suplemento dos arquivos históricos sobre períodos ditatoriais, a literatura cria condições de acesso à essa temática para diversos leitores.

Segundo Figueiredo (2017), escrever é lembrar, é lutar contra o esquecimento individual e coletivo. Para a estudiosa, o trabalho de elaboração do trauma da ditadura e reconstrução desse passado continua. Opina que devemos lutar contra o esquecimento coletivo, pois, a pior forma de encarar o presente é esquecendo o passado. Acrescenta que quando trata-se do esquecimento individual de uma experiência traumática, o subconsciente tenta barrar as memórias dolorosas para curar o trauma. Por sua vez “[...] o esquecimento coletivo vem do desejo ou necessidade de um grupo social de querer esquecer ou denegar o acontecido.” (FIGUEIREDO, 2017, p. 27).

Pensamos que as tentativas de apagamento coletivo dos fatos gera prejuízos catastróficos para a sociedade, pois impede o necessário processo de luto e de superação de situações traumáticas e, conseqüentemente, pode levar a repetição de violências. Dentre os acontecimentos que não podemos esquecer encontra-se a tortura de inúmeros opositores aos regimes ditatoriais latino-americanos. Afinal, cabe frisar que “O ‘esquecimento’ da tortura produz, a meu ver, a naturalização da violência como grave sintoma social.” (KEHL, 2010, p. 124). Nessa ótica, estudar obras que abordam a temática da ditadura não se trata apenas de honrar a memória dos que lutaram e pereceram sob a força da violência e do poder do estado, mas, principalmente, de conscientizar as novas gerações da existência dessas barbáries a fim de que sejam evitados futuros retrocessos políticos e sociais.

Esquecimento e silenciamento são termos frequentemente utilizados quando tratamos de ditadura. Silenciar pode ser uma forma de violência porque

O preço do silêncio imposto a respeito do passado não é “só” a dor dos sobreviventes: também se paga por nossa resignação e impotência. Urge passar da resignação não só à indignação, mas a uma resistência efetiva, sem ressentimento, mas com a tenacidade e a vivacidade da vida (GAGNEBIN, 2010, p. 186).

Desse modo, é fundamental encontrar caminhos de resistência e canais de mobilização para que os violadores de direitos humanos sejam devidamente julgados e punidos, pois

Eles permanecem aí, sorrindo em reuniões regadas a bom uísque sorrindo diante das câmeras de televisão, sorrindo de terno e gravata, sorrindo. Parecem felizes, diriam uns, estão de bem com a vida, pensariam outros, têm belas lembranças, concluiriam então. Sem dúvida! Cada vez que um deles se olha no espelho, preparando-se para aparecer em público, uma súbita alegria o invade. É um homem impune, e sempre que lembra disso ele sorri. Sorri diante do nosso esquecimento, sorri diante da perplexidade daqueles poucos que ainda se recordam, que ainda sofrem. *Sorri por todos os sorrisos que roubou* (DALCAS-TAGNÉ, 1996, p. 15, grifos nosso).

Nesse fragmento, a estudiosa denuncia a dor dos mortos, torturados, desaparecidos e seus familiares diante da falta de punição dos crimes cometidos durante a última ditadura brasileira. Assim, torna-se evidente a necessidade de continuar buscando justiça para as vítimas dos regimes ditatoriais porque as violações aos direitos humanos perpetradas por governos ditatoriais já assolaram diversos países, particularmente, na América Latina. Nessa ótica, lutar por justiça trata-se de uma

Tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente). Tarefa igualmente ética e, num sentido amplo, especificamente psíquica: as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados. Trabalho de luto que nos deve ajudar, nós, os vivos, a nos lembrarmos dos mortos para melhor viver hoje. Assim, a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também, possa ser verdadeiro (GAGNEBIN, 2006, p. 47).

Um dos possíveis caminhos para travar essa batalha é o estudo de obras que abordam a temática da ditadura. Afinal, “[...] a luta pelos direitos à memória, verdade e justiça continua até hoje, pois ainda não sabemos o paradeiro de vários desaparecidos e os responsáveis por diversos crimes contra a humanidade cometidos nesse período ainda não foram julgados.” (MILREU, 2020, p. 326). Vale a pena registrar que em vários países latino-americanos, torturados e torturadores são obrigados a conviver socialmente. Além disso, observamos que muitos locais de tortura foram transformados em imóveis residenciais e que há poucos espaços de preservação da memória das bárbaras ações cometidas nos regimes autoritários.

Nesse contexto, a função da literatura como arquivo da ditadura é essencial para alimentar a luta pelos direitos à memória, verdade e justiça. Consideramos que esta tarefa também está sendo realizada pelo cinema, bem como por outras artes. A partir destas considerações, investigaremos como a tortura sofrida por mulheres está presente no romance *A casa dos espíritos*, em sua adaptação fílmica.

3. A casa dos espíritos: a escrita como ato de sobrevivência

Em uma entrevista concedida à publicação cubana *Trabajadores*, Isabel Allende (2010) afirmou que a escrita de seu romance *A casa dos espíritos* foi catártica porque tratou-se de uma tentativa de recuperar o mundo que perdeu com o golpe de Estado de 1973. Nesse sentido, a narrativa pode ser vista como um testemunho, uma vez que a escritora ficcionaliza episódios familiares com acontecimentos da história de seu país desde o ponto de vista de uma exilada. Fuks (2017) assinala que atualmente, “Romance e testemunho do mundo se fundem e se confundem como poucas outras vezes.” (FUKS, 2017, p. 82).

Interessa-nos registrar que o primeiro romance de Allende traz à tona diversos temas, dentre os quais destacamos a representação da última ditadura chilena. Nessa ótica, a narrativa pode ser inserida na categoria de literatura de arquivo da ditadura. Assim, a autora integra o grupo de escritores contemporâneos que promovem

[...] uma reflexão sobre as repressões várias, as violências oficiais, as incontáveis formas de autoritarismo, os muitos traumas históricos. Por toda parte a literatura tem se ocupado de combater o déficit de memória e a sordidez da linguagem institucional, enfrentando, ainda que tardia e quiçá inutilmente, a máquina coletiva de recalque. (FUKS, 2017, p. 84).

A casa dos espíritos está estruturada em 14 capítulos e um epílogo. Seu enredo gira em torno da trajetória de várias gerações das famílias Del Valle e Trueba, cujos destinos são entrelaçados pelo casamento entre Blanca e Esteban. O relato é narrado de diferentes perspectivas, pois identificamos dois narradores em primeira pessoa e um em terceira pessoa. Notamos que não há explicitação do tempo e do espaço nos quais as ações são desenvolvidas, mas podemos inferir que os episódios estão situados no século XX e fazem alusões à história do Chile. Estas suposições encontram apoio na mencionada declaração de Allende sobre a origem de sua obra, bem como na comparação entre algumas anedotas narradas e os registros de acontecimentos históricos ocorridos em seu país no século passado.

Na narrativa da escritora chilena destacam-se os personagens femininos, os quais dividem o protagonismo em diferentes momentos do relato. Assim, o leitor tem a oportunidade de conhecer a matriarca Nivea del Valle, uma feminista que lutava pelo voto das mulheres, suas filhas Rosa, a bela, e Clara, a clarividente, a neta Blanca e a bisneta Alba, uma militante socialista. Interessa-nos assinalar que Esteban Trueba, um mineiro que se torna latifundiário e, posteriormente, senador, pode ser visto como um antagonista, pois, em diversas ocasiões, entrou em conflito com a esposa, a filha e a neta. A principal razão dos desentendimentos está relacionada com a distinta visão de mundo dos personagens. Por um lado, as mulheres se identificam com a proposta de mudanças sociais e culturais. Por outro, Trueba defende os preceitos conservadores.

Nesse estudo, nos dedicamos a examinar como a tortura foi representada no romance de Allende. Para tanto, selecionamos o capítulo XIV, intitulado “A Hora da Verdade”, o qual mostra as torturas sofridas pela personagem Alba, que representa a quarta geração de mulheres

da família Del Valle Trueba. A protagonista foi presa devido a sua oposição ao regime ditatorial vigente em seu país. Seus castigos foram infringidos pelos militares, principalmente, por seu tio bastardo Esteban García. Observamos que a tortura abarcou agressão física, abuso sexual e psicológico, conforme ilustra o seguinte excerto:

Um bofetão brutal jogou-a ao chão, mãos violentas recolocaram-na de pé, dedos ferozes incrustaram-lhe nos seios, triturando-lhe os mamilos, e o *medo venceu-a por completo*. Vozes desconhecidas pressionavam-na, ouvia o nome de Miguel, mas não sabia o que lhe perguntavam e só repetia, incansavelmente, um não monumental enquanto lhe batiam, lhe mexiam, lhe arrancavam a blusa, e ela não conseguia pensar, só repetir não e não, e não, calculando quanto poderia resistir antes de se esgotarem suas forças, sem saber que aquilo era apenas o começo, até que se sentiu desfalecer, e os homens a deixaram tranquila, esticada no chão, por um tempo que lhe pareceu muito curto (ALLENDE, 2017, p. 420, grifo nosso).

É interessante registrar que na narrativa, Alba foi caracterizada como uma mulher destemida. Desde o instante da prisão até o momento anterior as torturas, ela mostrou-se corajosa e resiliente. Inclusive, tentou aplicar técnicas de controle da mente para “[...] não ter medo do medo.” (ALLENDE, 2017, p. 420). Contudo, quando foi brutalmente torturada, o medo venceu-a, como vimos no fragmento acima. Posteriormente, Alba é transferida para um “canil”, isto é,

[...] uma cela pequena e hermética como um túmulo, sem ar, escura e gelada. Havia seis ao todo, construídas, como um espaço de castigo, numa cisterna vazia. Eram ocupadas por períodos mais ou menos curtos, porque nelas ninguém resistiria muito tempo, no máximo poucos dias, antes de começar a divagar, perder a noção das coisas e do significado das palavras, e sofrer a angústia do tempo ou, simplesmente, começar a morrer (ALLENDE, p. 426, 2017).

Neste local insalubre e sufocante, a personagem só conseguia ficar deitada e encolhida. Sua percepção da realidade é abalada. Também apresenta sentimentos conflitantes entre corpo e mente, um dos efeitos da tortura. Afinal,

A tortura busca, à custa do sofrimento corporal insustentável, introduzir uma cunha que leve à cisão entre o corpo e a mente. E, mais do que isto: ela procura, a todo preço, semear a discórdia e a guerra entre o corpo e a mente. [...] O projeto da tortura implica numa negação total e totalitária da pessoa, enquanto ser encarnado. [...] o discurso que ela busca, através da intimidação e da violência, é a palavra aviltada de um sujeito que, nas mãos do torturador, se transforma em objeto. (GINZBURG, 2010, p. 142).

Desse modo, Alba é objetificada e sente-se impotente. Assim, começa a esperar pela morte, pois “[...] recusou-se a comer, e só bebia um gole de água quando era vencida pela própria fraqueza. Tentou não respirar, não se mover e pôs-se à espera da morte com impaciência.” (ALLENDE, 2017, p. 427). A personagem transita entre a vida e a morte, até a misteriosa visita de sua avó, Clara, já falecida, a quem ela pede ajuda para morrer. No entanto, a avó incentiva-a a viver e

Sugeri-lhe até que escrevesse um testemunho que algum dia poderia servir para trazer à luz o terrível segredo que estava vivendo e, assim, possibilitar ao mundo conhecer o horror que ocorria paralelamente à existência pacífica e ordenada dos que não queriam saber, dos que podiam manter a ilusão de uma vida normal [...] (ALLENDE, 2017, p. 427).

Alba decide seguir o conselho de sua avó e se ocupa com a construção de seu relato mental. Dessa maneira, “[...] deixou de comer, de se coçar, de se cheirar, de se queixar, e chegou a vencer, uma por uma, suas inúmeras dores.” (ALLENDE, 2017, p. 428). Através dessa estratégia a personagem consegue dominar seus pensamentos e sobreviver, embora tenha sido dada como morta, dado que

Correu um boato de que estava agonizando. Os guardas abriram o postigo do canil e tiraram-na sem nenhum esforço, porque estava muito leve. Levaram-na de novo ao coronel García, que durante aqueles dias renovara seu ódio, mas Alba não o reconheceu. *Estava além do seu poder* (ALLENDE, 2017, p. 428, grifo nosso).

O fragmento revela a frágil condição física da personagem, a qual contrasta com o domínio de sua mente que, inclusive, consegue ignorar o ódio de seu tio. Assim, embora esteja fisicamente presa, preserva sua humanidade por meio do exercício de seu relato imaginário.

Constatamos que a descrição da tortura de Alba no romance da escritora chilena é impactante, não obstante abarque apenas duas páginas. Verificamos que a tortura é representada como uma monstruosidade, uma forma violenta de desumanização. Também é preciso registrar a escalada do nível de violência sofrida pela personagem, a qual teve seu corpo e sua mente cruelmente violentados. No entanto, apesar de explicitar o sofrimento da personagem, sua capacidade de resistência é destacada, tal como a relevância do papel da literatura para a preservação da memória destes acontecimentos bárbaros e da humanidade da personagem. Nessa ótica, interessa-nos salientar que

A importância da literatura para a consciência social nesse sentido é enorme, por conseguir, por meio de recursos de construção, certa fidelidade ao impacto da violência funda que resulta aos que viveram, direta ou indiretamente, o impacto da experiência da tortura (GINZBURG, 2010, p. 148).

Consideramos que a representação da tortura de Alba na narrativa de Allende é uma alusão aos abusos que muitas mulheres sofreram nos regimes ditatoriais que vigoraram em diversos países latino-americanos no século XX. Entretanto, muitas encontraram maneiras de resistir e sobreviver às traumáticas experiências de tortura, preservando a humanidade que lhes foi negada pelos torturadores.

Nessa perspectiva, evidencia-se o papel da literatura como arquivo da ditadura. Afinal, muitos testemunhos e narrativas, como o produzido ficcionalmente pela personagem, foram fundamentais para a superação do trauma e alimentam a luta pelo direito à memória, à verdade e à justiça das vítimas dos governos autoritários que assolaram nosso continente. Pensamos que

o cinema também pode contribuir com esta luta. A seguir, analisamos como a tortura feminina está representada na adaptação fílmica de *A casa dos espíritos*.

4. A explicitação da tortura: marcas e dores

Observamos que o roteiro do filme dirigido por Bilie August segue o enredo do primeiro romance de Allende em linhas gerais. Contudo, notamos a supressão de alguns personagens, tais como os gêmeos Jaime e Nicolás, filhos do casal Esteban Trueba e Clara, do guerrilheiro Miguel, namorado de Alba, o qual motivou o seu envolvimento com a política. Também identificamos que na narrativa fílmica, Blanca é torturada e não Alba, como ocorre no livro da escritora chilena. Esse procedimento que possibilitou a troca dos papéis das personagens, é conceituado por Brito (2006, p. 10) como uma transformação por simplificação. Notamos que a estratégia utilizada pelo diretor para “resumir” o enredo da família Trueba, foi não desenvolver no filme a história da última descendente feminina. Assim, a história da mãe e da filha foi compactada em uma única personagem.

No filme os trechos em que aparecem as cenas de tortura estão localizados nos minutos 2:11:30 a 2:13:22, dentre dos quais a protagonista aparece sozinha em uma cela. Constatamos que o capítulo dedicado à tortura da personagem no romance foi transformado em cenas de 2 minutos no filme. Por conter uma duração menor em comparação ao romance, as violências sexuais sofridas pela personagem feminina não ficam explícitas.

Contudo, destacamos o encontro de Blanca com seu principal torturador, Esteban Garcia, seu irmão por parte de pai, informação que a personagem desconhecia. No fatídico confronto, Blanca estava em uma sala, sentada em uma cadeira com os punhos amarrados e uma venda nos olhos. Repentinamente, ela recebe um bofetão no rosto, que a joga no chão, por se negar a entregar a localização de Pedro Terceiro, seu amante e pai de sua filha. Ressaltamos que a trilha sonora tensa e o som de tiros e bombas foram utilizados para enfatizar a violência da cena. Já no segundo momento em que Blanca é levada para o interrogatório com Garcia, ela aparece com as roupas sujas, muito assustada e com marcas arroxeadas no rosto. Em seu atordoamento indaga ao torturador sobre sua identidade. Com violência ele puxa seus cabelos e bate em seu rosto. Em seguida começa a passar a mão em suas pernas e a violentá-la.

Na cena que corresponde ao canil citado no tópico anterior, o espaço das ações da narrativa fílmica não é determinado, mas o espectador entra em contato com um ambiente degradante, marcado por manchas de umidade na parede. No entanto, detectamos algumas diferenças em relação ao tamanho do local de tortura, visto que no livro tratava-se de um espaço reduzido enquanto no filme somos remetidos à uma cela, na qual há uma pequena abertura no teto para a entrada de luz. Independente dessas sutis diferenças, nas duas narrativas, predomina a atmosfera de horror, caracterizada pelo jogo de luzes em branco e preto.

Em relação as condições físicas das personagens femininas torturadas, notamos grande semelhança entre as duas obras. Nas duas narrativas, as personagens aparecem deitadas, com a roupa suja e com hematomas pelo corpo, estando quase inconscientes. Assim, são caracterizadas pela exaustão e pela objetificação, mostrando as marcas da tortura em seus corpos, tais como sangue e sujeira em suas roupas, pés descalços, cabelos desgrenhados, hematomas e ferimentos no rosto e nas pernas, além do aparente esgotamento físico e apatia.

Observamos que a adaptação fílmica prioriza a visita de Clara para Blanca, na qual incentiva a filha a viver, tal como a personagem fez com sua neta Alba no romance de Allende. Também é importante assinalar o carinho com que Clara trata a filha, contrastando com as torturas sofridas por ela, cujas cicatrizes estão visíveis em seu corpo. A cela além de condições degradantes, como a ausência total de qualquer móvel, banheiro e água, condições mínimas para a sobrevivência humana, também funciona como uma solitária. Desse modo, a tortura psicológica alcança seu auge. Nesta situação a personagem encontra-se totalmente sozinha, perde a noção dos dias e a referência com o mundo externo. Assim compreendemos que a visita do espírito de Clara funciona como o último e único alento para impulsionar a sobrevivência da personagem.

Observamos que a narrativa fílmica utiliza diversos recursos para explicitar as marcas físicas da tortura no corpo de Blanca, tais como closes no rosto machucado da personagem. Suas dores também são evidenciadas na obra, visto que ela aparece exaurida devido às sessões de tortura e ao isolamento.

Considerações finais

Iniciamos nosso estudo apresentando um breve histórico sobre a última ditadura chilena, a qual estava inserida no contexto do projeto de poder dos Estados Unidos que visava a dominação da América Latina. Vale a pena lembrar que suas consequências foram nefastas para a democracia do país. Aliás, até hoje, muitas feridas permanecem abertas e diversos traumas continuam a ser reelaborados através de diferentes meios. Um deles é a arte.

Também discorreremos sobre as intersecções entre a literatura, o cinema e a ditadura. Constatamos que atualmente uma parcela significativa de escritores, bem como de cineastas, está colaborando com a função de arquivo da ditadura. No caso do cinema destacamos o trabalho de Patricio Guzmán, que dirigiu uma trilogia de documentários sobre a última ditadura chilena intitulada *A Batalha do Chile*. Entre outras razões, isso ocorre devido ao fato de que as instituições governamentais ainda não conseguiram julgar adequadamente as barbáries cometidas durante as ditaduras latino-americanas que vigoraram no século XX. Assim, esse papel está sendo exercido pelas artes, as quais têm contribuído com a preservação de nossa história.

Cabe frisar que o nosso objetivo central foi analisar as representações da tortura de mulheres em *A casa dos espíritos* e sua adaptação homônima. A principal diferença que identificamos diz respeito a substituição da personagem torturada nas duas obras, visto que no romance o alvo

foi Alba e, no filme, Blanca. Além disso, o fluxo de consciência de Alba na narrativa de Allende é substituído por imagens na adaptação cinematográfica. Assim o telespectador pode observar os locais de tortura, assim como a solitária em que a personagem permanece por alguns dias. Além disso, a trilha sonora tensa e os sons de tiros, gritos e choros também colabora para amplificar o clima de tensão, aspecto bem detalhado no romance a partir da linguagem. Evidentemente, estas substituições estão relacionadas com as especificidades de cada linguagem artística.

Também consideramos que nas duas obras a visita de Clara, respectivamente, para a neta e a filha, merece destaque e tem a função de incentivá-las a viver, estabelecendo um contraponto às manifestações de ódio dos torturadores. Notamos ainda que em ambas as narrativas, as mulheres torturadas apresentam marcas da violência da tortura em seu corpo. Assim, suas representações explicitam a monstruosidade das práticas de tortura, que variaram entre a violência física, psicológica e sexual, sendo utilizadas por diversos governos autoritários de nosso continente.

Pensamos que o presente estudo também pode provocar várias reflexões sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea. Afinal, Alba e Blanca foram caracterizadas como opositoras ao governo ditatorial. Dessa maneira, acreditamos que elas representam as inúmeras mulheres que foram vítimas de regimes autoritários, os quais usaram métodos abomináveis para subjugar-las. Contudo, tanto no romance quanto no filme, as personagens resistem e sobrevivem. Inclusive, relatam os horrores sofridos durante este período tenebroso, tal como fez Allende com seu livro, o qual pode ser visto como um testemunho de seu passado e de um momento bárbaro da história de seu país.

É importante registrar que muitas mulheres latino-americanas lutaram contra as ditaduras que assolaram seus países. O exemplo mais conhecido é o movimento das Mães da Praça de Maio, o qual permanece buscando justiça para todos que foram desaparecidos durante a última ditadura argentina. Cabe frisar que essa luta também ocorre em diversas partes da América Latina.

Cabe registrar que em 2023 o golpe militar chileno completou 50 anos, momento em que o governo atual reconheceu um antigo local de tortura sexual de mulheres como centro de memória. De acordo com o portal online *Made for minds*, a casa conhecida como “Venda sexy” funcionou como centro de tortura durante a ditadura militar de Pinochet, onde eram praticadas violências sexuais contra mulheres. Essa iniciativa colabora não só com o respeito a memória, mas também com a divulgação de mais informações sobre estas torturas, as quais ainda são incipientes.

Consideramos que as ações de reparação, a partir de iniciativa governamental ou civil que estejam comprometidos com a consolidação da democracia em nosso continente, devem ser valorizadas e celebrados. Lutar pelo direito à memória, à verdade e à justiça são determinantes para a consolidação de sociedades mais igualitárias. Em outras palavras, precisamos cumprir nosso dever de memória. Como vimos, um dos caminhos para esta prática é o estudo de obras que abordem a temática da ditadura, o qual adotamos no presente estudo. Pensamos que no caso das adaptações o leitor/espectador ainda tem a vantagem de exercer o seu senso crítico, comparando ambas as obras.

Referências

- ALLENDE, Isabel. *A casa dos Espíritos*. Tradução de Carlos Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- AUGUST, Bille. *A casa dos espíritos*. [Filme-vídeo]. Produção de Bille August. Estados Unidos, Costa do Castelo Filmes, 1993, 1 cassete VHS, 140min. color. Sony.
- BRITO, João Batista. Texto literário e filme: como ler o confronto? In: *Literatura no cinema*. São Paulo: Unimarco, 2006.
- CUNHA, João Manuel dos Santos. Da literatura ao cinema, construindo sobre restos de linguagens. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. São Paulo. n. 23/p. 1-230, 2013.
- DALCASTAGNÉ, Regina. *O espaço da dor*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.
- FUKS, Julián. A era da pós-ficção: notas sobre a insuficiência da fabulação no romance contemporâneo. In: DUNKER, Christian et al. *Ética e pós-verdade*. Porto Alegre: Dubliness, 2017.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. O preço de uma reconciliação estorquida. In: TELES, Edson. SAFATLE, Vladimir. *O que resta da ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 123-132.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GINZBURG, Jaime. Escritas da tortura. In: *O que resta da ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- GUARDIA, Sara Beatriz. *Literatura e Escrita feminina na América Latina*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18nesp1p15>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- HINER, Hillary. “Fue bonita la solidaridad entre mujeres”: género, resistencia, y prisión, política em Chile durante la dictadura. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 23(3): 406, setembro/dezembro, 2015).
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Florianópolis: EDUFSC, 2011.
- KHEL, Maria Rita. Tortura e sintoma Social. In: *O que resta da ditadura*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MILREU, I. VOLTO SEMANA QUE VEM: DEMOCRACIA ACIMA DE TUDO! *Raído*, Dourados, v. 14. n. 35/ p. 325 347, maio/agosto, 2020.
- MILREU, I. Lembrar para resistir: perpectivas femininas da última ditadura chilena *Para que no me olvides*, de Mariana Serrado. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v.48, n. 92, p. 108-123, mai/ago. 2023.
- PRADO, M. L.; PELEGRINO, G. *História da América Latina*. São Paulo: Contexto, 2021.
- RICOUER, p. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- MADE FOR MINDS. *Chile: centro de tortura bajo Pinochet será sitio de memória*. Chile, 02 de set., 2023. Disponível em <https://www.dw.com/es/chile-centro-de-tortura-bajo-dictadura-de-pinochet-ser%C3%A1-sitio-de-memoria/a-66701707>. Acesso em 23/10/2023.